



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**A EXPERIMENTAÇÃO DA DANÇA PARA JOVENS E ADULTOS COM
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO LAEFA/CEFD/UFES**

Danielle Rodrigues¹ (LAEFA/CEFD/UFES)
Jolimar Cosmo¹ (LAEFA/CEFD/UFES)
Laís Albuquerque Rodrigues¹ (LAEFA/CEFD/UFES)
Thaís Dalfiôr Zorzal¹ (LAEFA/CEFD/UFES)
Maria das Graças Carvalho Silva de Sá² (LAEFA/CEFD/UFES)

RESUMO:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que objetiva descrever e analisar, a partir de uma experiência concreta de intervenção, o ensino da Dança enquanto uma ferramenta potencializadora aos processos inclusivos de jovens e adultos com Deficiência Intelectual. Os sujeitos participantes são oriundos da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Vitória/ES, Pestalozzi e da comunidade, totalizando um grupo de 40 alunos. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos o registro das aulas em diários de campo, relatórios finais solicitados aos estagiários, fotografias e videograções. Os dados preliminares nos anunciam que a prática da Dança, a partir de uma perspectiva crítico-emancipatória, favoreceu aos processos inclusivos dos envolvidos na medida em que potencializou ações como tomada de consciência e construção da autonomia, colaborando para sua emancipação e atuação nos diversos ambientes sociais.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo objetivou analisar e discutir as experiências do processo de ensino-aprendizagem da Dança para jovens e adultos com deficiência intelectual, ocorridas a partir do Projeto de Extensão intitulado: “Prática Pedagógica de Educação Física Adaptada para Jovens e Adultos com Deficiência Intelectual”, realizado no primeiro semestre de 2012, no Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA), localizado no Centro de Educação Física e Desportos.

O Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA), desde sua criação no ano de 1995, vem consolidando ações que visam fomentar a construção de novas relações sociais, por meio do oferecimento de projetos alicerçados em práticas corporais diversas cujos pressupostos didáticos metodológicos se apoiam em bases teóricas críticas que tomam a perspectiva inclusiva como premissa, possibilitando novos olhares e formas de agir no/sobre o mundo.

¹ Acadêmico em Educação Física CEFD/UFES – Bolsista SIGPROJ/PROEXT UFES

² Professora Doutora do CEFD/UFES – Coordenadora do LAEFA/CEFD/UFES



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Neste contexto no ano de 2012, ofertamos o projeto intitulado: *Prática pedagógica de educação física para pessoas com deficiência*, que oferecem duas modalidades de práticas corporais para 40 (quarenta) jovens e adultos com deficiência intelectual: a Ginástica Geral e a Dança.

Para efeito deste artigo, optamos por discutir a respeito das possíveis contribuições da Dança para os processos inclusivos dos envolvidos. A escolha do conteúdo Dança ocorreu, primeiramente, pela necessidade de substituição a outro conteúdo (Natação) em virtude de questões climáticas e estruturais vividas naquele momento. A partir de então, ao analisarmos os possíveis conteúdos a serem ofertados para os alunos envolvidos neste projeto, optamos pela Dança, haja vista este conteúdo possuir uma série de possibilidades favorecedoras ao ato de se conhecerem e de vivenciarem diferentes formas de práticas corporais potencializadoras ao despertar para a corporeidade³ dos sujeitos.

Em nosso entender, a experimentação destas práticas nos possibilita o apropriar e o compartilhar dos saberes corporais produzidos na/pela cultura, contribuindo assim, no processo individual de cada sujeito para reconhecer sua capacidade de autonomia e emancipação nos diversos ambientes sociais (MARQUES, 1999).

Neste aspecto, a Dança, é por nós considerada uma prática corporal que potencializa esse processo de descoberta do próprio corpo e do corpo do outro e suas relações, pois, segundo Laban (apud MARQUES, 2003, p. 81), em sua forma livre de estereótipos e padrões, a Dança possibilita sentir, conhecer, expressar, explorar, expandir e transformar as subjetividades impressas no movimentar de cada um.

Na operacionalização deste conteúdo, optamos como referencial teórico-metodológico a perspectiva crítico-emancipatória proposta por Elenor Kunz, pela possibilidade que esta perspectiva nos fornece ferramentas para fomentarmos o diálogo entre os envolvidos (alunos, professores, familiares e estagiários), bem como nos reafirma a necessidade de construirmos práticas sociais que possibilitem a descoberta e o desenvolvimento das capacidades autônomas do sujeito de se relacionar com o mundo (KUNZ, 2006).

Vale ainda ressaltar, que o processo de ensino-aprendizagem da Dança não ocorre somente através da linguagem verbal, mas principalmente corporalmente, através do despertar dos sentidos, das sensibilidades e do “saber-sentir” (KUNZ, 2006) que são construídos e ressignificados no próprio “dançar”. Ainda de acordo com o autor, a Dança “[...] desenvolve uma linguagem própria e rica em sentidos e significados, uma linguagem que o pensamento lógico-formal da racionalidade moderna não pode expressar de forma verbal.” (p. 92)

Nesta perspectiva, optamos por apresentar e vivenciar diferentes formas de Dança como: Ciranda de Tarituba, Carimbó, Danças Indígenas, Congo e outras, com a finalidade de ampliar o repertório cultural de movimentos dos envolvidos. Para tanto buscamos articular ao longo de todas as aulas os elementos presentes (criatividade,

³ Concebemos corporeidade como todo o ser material e abstrato que se materializa como um corpo cuja constituição se configura de forma uno, individual e inalienável. (GONZALES; FENSTERSEIFEN, 2005).



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

improvisação, estética do movimento, ritmo, música, movimentos espontâneos, movimentos individuais e coletivos) de forma coletiva em suas diferentes manifestações, despertando e potencializando a corporeidade dos sujeitos, possibilitando-os o apropriar, ressignificar e o compartilhar os diferentes saberes presentes à Dança.

2. DELINEAMENTO TEÓRICO METODOLÓGICO

O estudo em tela assumiu como eixo central de suas ações no âmbito teórico-metodológico a Pesquisa Qualitativa com aproximações etnográficas com vistas a promovermos um contato direto com o campo de investigação, utilizando-nos de dispositivos que ampliassem nosso olhar sobre os processos e as relações que ali se instituem. Apresenta também uma natureza descritiva, cuja principal preocupação centra-se no significado que as ações e os acontecimentos possuem para as pessoas e os grupos estudados. É nesse sentido que, para André (1995, p. 29), “[...] O pesquisador deve tentar aprender e retratar essa visão pessoal do participante”.

Os sujeitos participantes foram, aproximadamente, 40 jovens e adultos com deficiência intelectual, procedentes da APAE de Vitória/ES, da Pestalozzi (Serra) e da comunidade. Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos dos registros das aulas (15), relatórios finais solicitados (10) aos estagiários, fotografias e videogravações dos momentos de intervenção⁴.

As intervenções ocorriam às quintas-feiras, momento em que os grupos se subdividiam em dois grupos com 20 alunos cada, a fim de que, para além da Dança, experimentassem também outra prática corporal, no caso, Ginástica Geral. De forma que o primeiro grupo era atendido de 14 às 15 horas e o segundo das 15 às 16 horas.

Ao longo do primeiro semestre de 2012 foram desenvolvidas 15 intervenções na sala de dança do CEFD/UFES. Além das intervenções, desenvolvemos uma montagem coreográfica no decorrer das aulas, que foi apresentada no final do semestre.

No momento do atendimento, os estagiários se dividiam entre os que conduziam as aulas (02), os que davam suporte a estes (04) e, um ficava responsável pelo registro audiovisual das aulas. Após cada aula, professores, estagiários e pesquisadores refletiam sobre os procedimentos didático-metodológicos utilizados naquele dia e, em seguida planejavam e (re) planejavam as próximas intervenções tomando como eixo destas discussões as impressões, proposições e percepções captadas na aula anterior, sem perder de vista, o foco do projeto, bem como os interesses dos envolvidos.

Os dados foram analisados com base na Análise de conteúdos (BARDIN, 1977) pela possibilidade que esta técnica nos oferece para se investigar um objeto ou problema de pesquisa tendo como fonte primordial de dados os conteúdos da comunicação.

Para efeito deste estudo, buscamos organizar como categoria de análise, o seguinte eixo de discussão:

⁴ Os responsáveis pelos envolvidos assinaram o Termo de Livre Consentimento Esclarecido



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

A dança como ferramenta potencializadora aos processos de inclusão dos jovens e adultos com deficiência, no intuito de percebermos as possibilidades/limitações dos envolvidos para:

- Ampliar o repertório de movimentos do indivíduo através da conscientização pelo movimento livre e improvisação;
- Vivenciar os movimentos característicos das diferentes formas de Dança;
- Interagir coletivamente em situações de aula, integrando os alunos com os alunos, professores e os estagiários.

3. ANÁLISE DE DADOS:

3.1. A dança como ferramenta potencializadora aos processos de inclusão dos jovens e adultos com deficiência

Todos os seres humanos são dotados de capacidades individuais que são potencializadas socialmente, constituindo assim nosso corpus de conhecimento no que se refere à crenças, valores e hábitos culturais.

De acordo com Betti (1992), a Educação Física como campo de atuação, integra e introduz o aluno no mundo da cultura física, na medida em que contribui na/para a formação do cidadão que influenciará, partilhará, produzirá, reproduzirá e transformará as diferentes/diversas formas culturais da atividade física.

Neste bojo, ao analisar a literatura podemos afirmar que a Dança remota ao início da vida do homem na terra, surgiu a partir da necessidade de expressar emoções e na relação entre homem e natureza. Tavares (2005) enfatiza que:

Existem indícios de que o homem dança desde os tempos mais remotos. Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver! (p.93).

Percebemos que, ao longo dos séculos a Dança sempre esteve intimamente ligada com a vida e os anseios do cotidiano de cada geração. Nos dias atuais não é diferente, o homem ainda utiliza a Dança para se expressar, lidar com as diversas emoções e os acontecimentos do dia-a-dia. Tendo isso em mente, no projeto de Dança para Jovens e Adultos com deficiência intelectual, um dos temas trabalhados foi à necessidade de lidar com os movimentos básicos presentes em nosso cotidiano.

Exemplo disso foram as aulas iniciais que trabalhamos o conhecimento do corpo e dos movimentos do dia-a-dia. Realizamos movimentos rotineiros como espreguiçar, escovar os dentes, tomar banho, enxugar-se, vestir-se e tomar café da manhã. O objetivo destas aulas era de que os alunos percebessem como diversos movimentos habituais são realizados de forma própria e como estes adquirem sentido diferente para cada um.

Neste aspecto, corroboramos com Kunz (2006), ao firmar que “[...] movimento que adquire significado expressivo e comunicativo” (p.91), é um movimento que auxilia



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

na construção e re-construção de identidades, de percepção e entendimento de si e do outro. Assim, a dança cria possibilidades de construir relações de interação, oportunizando o conhecimento do próprio corpo e de suas possibilidades como forma de compreensão crítica e sensível de si mesmo e do cotidiano que os rodeia. Desta forma, o trabalho ora realizado em grupo, ora realizado individualmente, pôde colaborar para esta percepção de si e do cotidiano em que o aluno estava inserido.

Ao trazer esses movimentos para o momento de aula nos vimos obrigados a nos perceber, nos observar, nos sentir e identificar nossas habilidades, potencialidades e dificuldades. Foi realmente importante desenvolver esta atividade com alunos com deficiência, porque desempenhar com propriedade tarefas simples do cotidiano adquire significado ainda maior, visto que, para eles isso representa um ganho de autonomia.

De acordo com Lima *et al* (2010) para ampliar as possibilidades de ação pedagógica é importante “estimular atividades que experienciem movimentos corporais de forma livre, com materiais e com o outro”. Ainda ressalta que: “Organizar a interação das estruturas e conhecimentos corporais com seus significados e conceitos é importante para a aquisição de descobertas da organização corporal em busca de soluções (p.148)”.

Assim, buscamos contemplar um dos objetivos do projeto: *ampliar o repertório de movimentos do indivíduo através da conscientização pelo movimento livre e improvisação*. Se levarmos em consideração que desde a infância até a idade adulta pouco dançamos, ou talvez nunca no caso das pessoas com deficiência, é necessário que este conteúdo apareça na escola e em projetos como este que visam contribuir com o desenvolvimento sócio-educacional dos indivíduos que nele participam. Para enfatizar a importância de proporcionar a percepção do mundo por meio do ensino da Dança, Santos e Figueiredo (2003) salientam que:

Ensinar e aprender a dança é vivenciar, criar, expressar, brincar com o próprio corpo; é deixar-se levar pela descoberta de inimagináveis movimentos, é descobrir no corpo que o que é certo pode estar errado e o que é errado pode estar certo (p.109).

Concebendo a Dança como arte, Santos e Figueiredo (2003) ressalta que “Na arte não existe a solução; a arte leva o homem a conhecer a realidade a partir da mediação subjetiva e da experiência do sensível (p.110)”. Entendemos que é a partir do momento em que o indivíduo pode conhecer, vivenciar e entender o seu cotidiano este poderá estabelecer relações consigo e com o outro, tornando sua existência na sociedade mais livre e consciente. Posto isso, é possível observar que na maioria das vezes as pessoas com deficiência tendem a ter suas atividades constantemente ditadas, monitoradas e subjugadas por outros, seja da família ou não, o que dificulta no seu processo de desenvolvimento da autonomia.

Tendo em vista tais realidades, procuramos diversificar as atividades com Dança objetivando a vivência coletiva que desperta e potencializa a corporeidade dos sujeitos. Laban citado por Santos e Figueiredo (2003) enfatiza que

A dança na educação tem por objetivo ajudar o ser humano a achar uma relação corporal com a totalidade da existência. Por isso, na escola, não se deve



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

procurar a perfeição ou a execução de danças sensacionais, mas a possibilidade de conhecimento que a atividade criativa da dança traz ao aluno (p.110).

Destarte, para além do trabalho de se perceber e auto-conhecer, o projeto da Dança proporcionou também a todos os participantes momentos de alegria e prazer por meio da vivência em vários estilos musicais.

Com esta finalidade destacamos aqui outro objetivo do projeto: vivenciar os movimentos característicos das diferentes formas de Dança (Ciranda de Tarituba, Carimbó, Danças Circulares, Congo, Contemporânea, e/ou outros) com finalidade de ampliar o repertório cultural de movimentos do indivíduo. Kunz (2006) destaca que:

A caracterização mais típica para a dança e os seus movimentos, é sem dúvida a constante busca da alegria e do prazer proporcionados por movimentos ritmados e compassados, desenvolvendo de forma criativa, diferentes funções mímicas e pantomímicas” (p.91).

Desta maneira trabalhamos diferentes danças populares que se davam principalmente em roda. Foi possível observar que os ritmos das músicas e a proposta de dançar em grupo trouxeram contentamento e prazer aos alunos durante as aulas. Proporcionou também aos indivíduos a integração trabalhando com a pluralidade cultural. Ainda segundo Santos e Figueiredo (2003) “[...] ela (a dança) pode propiciar a aceitação, a valorização e a experiência de que diferentes corpos criam diferentes danças e de que não necessitam de um corpo perfeito, segundo os padrões sociais, para nos expressar e comunicar”.

Durante o período e inserção de uma modalidade temática a ser trabalhada, tínhamos como um dos objetivos apresentar novas formas de Dança: Carimbó, Congo, Dança Indígena, Ciranda de Tarituba e Dança Contemporânea. Para tanto, fomentamos aos alunos no sentido deles conhecerem as músicas e, na continuidade refletirem sobre suas características específicas, origem e diversas manifestações/influências culturais de cada povo/localidade.

O trabalho com contextualizações históricas dos assuntos observados nos permitiu conhecer a que público atendemos e se eles possuem em sua bagagem cultural elementos referentes aos assuntos em questão, que tornam elementos favorecedores ao processo pedagógico.

Tal fato foi possível constatar quando estávamos falando sobre o Carimbó e sua origem, [...] “o aluno F. associou a história do mesmo, com um tronco da árvore, mostrando-o que eram igual a um dos bancos da sala onde a aula ocorria” (diário de campo dia 03/05/2012).

Além disso, dias após as intervenções, por meio de falas expressas dos alunos, percebemos que estes se apropriaram das discussões postas, ao relembrem das experiências vividas conforme dados extraídos do diário de campo:

[...] momento inicial, perguntamos aos alunos o que recordavam da aula anterior... A. recordou que na aula anterior dançaram a dança dos índios. [...] disse que os índios vivem no



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

matagal e que usam chocalho. Já o aluno G. recordou que os índios dançavam de chocalho...[...] F., falou que os mesmo usam arco e flexa para se alimentar... F. citou a “dança da chuva”, pois na aula do dia 26/04 quando trabalhado “Dança Indígena” (diário de campo dia 03/05/2012).

Em nosso entender, não basta que os alunos compreendam os movimentos inseridos, mas que consigam correlacioná-los em suas diferentes relações sociais vividas. Para tanto, as atividades foram organizadas da maneira mais variada possível com o intuito de envolver a todos/as nas suas mais deferentes formas de ser/estar.

A arte do movimento, além de desenvolver as formas individuais e coletivas de expressão, de criatividade, de espontaneidade, concentração, autodisciplina, promove uma completa interação do indivíduo e um melhor relacionamento entre os homens. (ARRUDA, 1988, p.15)

Nesta perspectiva, Betti (1992), afirma que as práticas corporais, no caso a Dança, devem priorizar os movimentos espontâneos dos alunos e de suas atitudes corporais, favorecendo a gênese da imagem do corpo, núcleo central da personalidade.

A corporeidade que o aluno constrói sobre si o auxiliará para conhecer suas limitações e potencialidades, bem como dos companheiros que os cercam. Logo, a prática da Dança facilitará a interação destes indivíduos, por ser uma prática caracterizada pela espontaneidade, prazer em praticar, pela liberdade de expressão e comunicação, do sentir, agir, dentre outros fatores, fazendo com que ela não seja algo isolado.

Ao direcionarmos estas considerações para os dados captados, percebemos que em vários momentos captamos o envolvimento dos alunos, bem como identificamos relatos que evidenciaram o prazer por ali estarem, como observado na fala do aluno W “[...] *dançar é bom, é bom dançar*” (diário de campo dia 10/05/2012).

Outro aspecto a se considerar refere-se ao fato de que os elementos referentes ao contexto cultural-histórico e os materiais concretos (instrumentos musicais e indumentárias) usados em aula, se constituíram como um elemento facilitador do processo de ensino-aprendizagem da Dança. Por meio destes recursos pedagógicos, foi possível aos alunos construírem a percepção de como o homem e a mulher se portam durante o dançar, qual a diferença entre as danças, que movimentos poderiam ser explorados por eles e que postura poderiam ter em diversas situações de interação com o outro, além de fazerem associações dos elementos culturais e relembrar os assuntos trabalhados pelo grupo. Esses fatos são observáveis nas seguintes falas:

-A professora D. começou a relembrar como dança a Tarituba perguntando aos alunos o que eles lembravam. F. se lembrou da Tarituba, dizendo que eles dançam em pares, a mulher com a saia, homens com chapéu e “gravata”....A professora D. também perguntou como que se dança o Carimbó, e R. respondeu dizendo que também é em par, mas os homens ficam tirando o chapéu e as



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

damas dançando, segurando a saia na ponta e rodando (diário de campo do dia 17/05/2012).

-A aluna Á. (turma A) disse que gostou de balançar a saia no Carimbó. O aluno B. (turma A) disse usando gestos que gostou mais de dançar a Ciranda de Tarituba, fez um círculo com a mão para dizer que se dançava em roda e pegou na mão da professora L. para dizer que dançava em pares. Disse que o Carimbó dançava separado, também com gestos (diário de campo do dia 10/05/2012).

No que se refere às possíveis interações produzidas em situações de aula, pelos envolvidos (alunos, professores e estagiários), em Kunz et al revela que (1998, p.27) são as “[...] interações que contribuem para o desenvolvimento da competência social do aluno, competência necessária não apenas para o sentido de cooperação e participação ativa e crítica no mundo, mas, também, nas relações imediatas entre professor e aluno”. Entendemos que essas interações que colaboram para o desenvolvimento social e autônomo do aluno também são ricas em possibilidades de envolvê-los nas situações de ensino-aprendizagem. São nestes momentos em que o aluno está totalmente envolvido no processo de perceber a si e ao outro, em que se permite experimentar, criar, reelaborar, agir espontaneamente, ou seja, ser protagonista do seu desenvolvimento enquanto ser humano.

Valendo-nos dos diários de campo descrevemos a seguir como algumas destas interações aconteceram em momentos de aula:

-A aluna A (turma A) inicialmente não queria participar da aula, dizia que era por que não iria ter roupa para ela. O professor J deu apoio, conversou e foi firme trazendo-a e estimulando-a a dançar e ela enfim participou, mas sempre com este professor (diário de campo do dia 10/05/2012).

-O aluno R da Pestalozzi (turma B) ajudava a aluna T (turma B), ensinando os passos e levando-a pelas mãos. Ele foi bem insistente ao tentar conduzi-la, mas em certo momento reclamou com os professores que “ela era muito difícil”, que saía toda hora e não fazia direito. Pedimos para ele ter paciência e que continuasse tentando ajudá-la. Percebemos que nesta aula houve um envolvimento maior das alunas P e T, mesmo não realizando os movimentos da forma correta, foi possível perceber que estavam mais presentes na aula (diário de campo do dia 10/05/2012).

-Ao longo de toda a coreografia os alunos demonstraram segurança. Ao final da coreografia a aluna A pegou o chapéu do professor J e colocou na cabeça. Ela foi bem espontânea, brincou com o professor, agiu de uma forma muito diferente do habitual. No início da aula ela me cumprimentou, foi bastante simpática,



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

disse que não tinha me visto ainda e me perguntou porque eu não fui no encontro passado (diário de campo do dia 17/05/2012).

Diante do exposto, percebemos a relevância da prática da Dança para jovens e adultos com deficiência intelectual como um elemento favorecedor e enriquecedor dos processos de construção e reconstrução de suas identidades, tornando-os mais sensíveis aos acontecimentos que perpassam seu cotidiano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar deste projeto ainda se encontrar em fase de coleta e transcrição de dados, podemos citar dados preliminares que apontam que a prática da dança, a partir de uma perspectiva crítico-emancipatória, favoreceu aos processos inclusivos dos envolvidos tendo em vista, que essa vivência os auxiliou na ação de tomada de consciência, contribuindo para o processo individual de construção da autonomia de cada sujeito colaborando para sua emancipação e atuação nos diversos ambientes sociais.

Outro aspecto relevante de se destacar refere-se a ampliação do repertório cultural e de movimentos percebidos nos envolvidos e, o quanto este processo impactou nos diferentes e diversos movimentos de interação individual e coletiva dos sujeitos transformando-os em sujeitos mais seguros de si.

Para finalizar, tomando como base que o público do projeto forma pessoas com deficiência intelectual e que nem sempre apresentam uma linguagem verbal mais elaborada, percebemos também que a Dança operou enquanto uma linguagem universal, contribuiu assim, para que os envolvidos se apropriassem de outras/novas formas de se expressar/comunicar seus sentimentos e percepções. Para além é claro, da relevância deste projeto no processo de formação inicial e humana de todos os sujeitos envolvidos (alunos, professores, estagiários e familiares).

5. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ARRUDA, Solange. **Arte do movimento**: as descobertas de Rudolf Laban na dança e ação humana. São Paulo: PW Gráficos; Editores Associados, 1988.

BARDIN, L. **Análise de conteúdos**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BETTI, M. **Ensino de primeiro e segundo graus**: educação física para que? Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Maringá. v 13, n 2, p 282-287, jan. 1992.

GONZÁLEZ, F. J. Corporeidade (verbetes). In. GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: UNIJUI, 2005. p. 103-104.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física
Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

KUNZ, Elenor (Org). **Didática da Educação Física 1**. Ijuí: Unijuí, 1998.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

LIMA, S. M. T. Práticas pedagógicas na educação física para pessoas com necessidades educacionais especiais: algumas possibilidades. In: CHICON, J. F.; RODRIGUES, G. M. (Org.). **Educação Física e os desafios da inclusão**. Vitória: EDUFES, 2010. p.140-155.

SANTOS, R. C. dos; FIGUEIREDO, V. M. C.. Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível. **Revista Pensar a prática**, v. 6, p. 107-116, 2003.

TAVARES, I. M. **Educação, corpo e arte**. Curitiba: Iesde, 2005.